



# Gaiato

16 DE OUTUBRO DE 1971  
ANO XXVIII — N.º 720 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

## Cantinho DOS RAPAZES

Temos falado várias vezes; temos até procurado definições nossas de critério — já que possui-lo é ter uma bússola que nos orientará ao longo do caminho que importa percorrer, caminho próprio balizado pela vocação de cada um e a respectiva resposta, que é a expansão da nossa personalidade.

Mais do que a fraqueza e, porventura, até as quedas de um homem, me aflige a falta de razões por que viver, este «andar no mundo por ver andar os outros», na dissolução continuada da personalidade, na sujeição às modas, no naufrágio sem remédio no grande mar da multidão. Se me dói o homem que se perde nos caminhos desviados por onde outros o levam, também me pergunto que mérito terá a virtude que se não conhece, que se não conquista dia-a-dia, que não passa pela inteligência antes de ser determinada pela vontade e de exprimir-se em vida.

Por isso me desperta admiração e respeito todo aquele que se não deixa adormecer pela vulgaridade dos que não fazem ondas, antes aceita a inquietação de um caminho, do seu caminho, que busca, com certeza em dor, até ao feliz encontro do critério, que será a norma dos seus juízos, a regra do seu viver. Este terá luz própria, terá dinamismo em si-mesmo. Em cada acto que faz, sabe o que faz e porque o faz. E, como principia por conhecer-se, por conhecer suas qualidades e deficiências, não deixará, humilde e razoavelmente, de confrontar-se com o juízo dos outros (ao menos com o senso-comum!), mas fá-lo-á secundariamente, ao jeito de quem tira a prova da conta que fez.

Quem pode, pois, admirar-se da profunda felicidade que me assiste, quando um dos nossos, dá testemunho do critério que faz dele um adulto, em lúcidas expressões como estas, que há muito guardo para partilhar com todos vós?:

«Não sou medroso, mas temo fraquejar e sucumbir no meio da tanta baboseira. A palavra d'ordem destes «tipos» é asneira. Quem está habituado a uma linguagem decente, estremece

no convívio triste e porco que aqui é realidade.

Continuem fazendo guerra ao palavrão em nossas Casas. A Comunidade não compreenderá — eu, quando adolescente, não entendia — mas, quando cair nisto, agradece a educação recebida.

Ontem, antes de adormecer, pedi ao Pai que me desse humildade — sou tão orgulhoso! — para me não sentir superior a estes Rapazes que não têm culpa da educação que receberam, mas para me iluminar e não permitir que eu seja contaminado pelo que de mau há. A minha vida nestes anos, é mais do Senhor Pai do que minha. Tenho a certeza de que Ele me acompanhará e compreenderá que os homens só O procurem nas horas de aflicção. Peça por mim e por todos que andam nesta vida. Agora reconheço que das três Avé-Marias rezadas no fim do nosso Terço, a mais acertada é a pelos nossos tropas — perdoe o egoísmo, mas é a realidade vista por quem ambiciona ser HOMEM, mas na certeza de que suará sangue e na incerteza de que terá força para encarar a luta constante.»

Cont. na QUARTA página



Cenário maravilhoso em nossa Casa de Paço de Sousa! Enriquecido pelos afagos do Quim — entre o «Leão» e o «Pop». Imagem de Paz!

# Aqui Lisboa

Parece-nos ainda um sonho. O «Pisguita», de 9 anos e de seu nome Joaquim, morreu,

após grave desastre sofrido nas obras das nossas oficinas. Ausentes da Casa em busca de alívio para males que muito nos limitam, tivemos de interromper os tratamentos e de retomar as nossas responsabi-

lidades. De novo no local para onde nos deslocámos em busca de energias, nunca mais encontrámos a tranquilidade de espírito indispensável a tal finalidade. É o tributo que pagamos por termos a ousadia de querer amar os que nos estão confiados. Não há amor sem espinhos e o padre da rua sabe bem como estes picam. A vida tem, porém, de continuar. Assim o exigem os cento e tal Rapazes que temos em Casa, mesmo que não entendam ainda ou que alguns, porventura, o não queiram perceber. A separação ocasionada pela morte é sempre dolorosa, mas a certeza da Eternidade muito nos consola. Passada mais uma página do livro da vida, vamos encontrar o «Pisguita» a animar os nossos passos e a dar firmeza aos nossos propósitos de continuar mais e melhor. Ele passou a ser mais um farol a transmitir a luz do Alto! Obrigado «Pisguita», e até um dia!

serem felizes. A nossa porta continua aberta e nós continuamos à espera.

xxx

A segunda notícia é alegre. O apelo feito às mulheres que têm horas livres, com cabeça, espírito e braços para virem ajudar na nossa roupa, deu bom resultado. Um grupo de senhoras de Coimbra deu logo sinal. E as senhoras e meninas de Miranda do Corvo não ficaram atrás. E todas as semanas a nossa roupa tem ficado em ordem. E têm-nos dado muitos mimos. E veio também um alfaiate, com sua gente, ajeitar calças de que muito necessitamos. Agora resta perseverarmos. É a virtude dos fortes.

Padre Horácio

Cont. na TERCEIRA página

## TRIBUNA de Coimbra

Hoje dou-vos duas notícias, ambas de resposta a apelos feitos aqui.

A primeira é uma notícia triste. Triste porque a sinto com muita amargura e porque ela é sinal da falta de generosidade que reina neste nosso tempo.

Há dois meses gritel-vos que estávamos sem mãe. Que uma Casa do Galato não pode viver sem mãe. Que todos os desta família têm necessidade de mãe. Que os mais pequeninos exigem uma mãe.

Houve na altura três respostas, mas nenhuma se concretizou; ou por falta de saúde, ou por falta de maturidade.

As nossas mães têm de ser sãs de corpo e de espírito. Capazes da maternidade de uma família dos vinte e cinco aos três anos.

Hoje fazemos novo apelo. Temos a certeza de que na nossa sociedade há muitas mulheres válidas de corpo e espírito, com entranhas para amar, à procura de se realizarem e

BEIRE (Paredes — Douro) \* BENGUELA (Angola) \* COIMBRA \* LISBOA \* MALANJE (Angola) \* MIRANDA DO CORVO \* PAÇO DE SOUSA \* PORTO \* SANTIAGO DO INFULENE (Lourenço Marques) \* SANTO ANTÃO DO TOJAL (Loures) \* SETÚBAL



# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**FORMAÇÃO ESCOLAR** — Começaram as aulas da Instrução Primária. O ano passado passaram quantos se agarraram aos livros; e os que fizeram sorna ficaram na mesma, talvez por sua culpa.

A Telescola — 1.º e 2.º ancs — principia no dia 15. No ano anterior «chumbaram» alguns do 1.º ano, mas passou a maior parte do grupo. Os do 2.º ano todos ficaram aprovados no exame. Vários dos que passaram no exame da quarta classe, entram agora na Telescola. Vamos a ver se se portam melhor que os anteriores.

Também alguns moços se preparam para o 5.º ano: Raimundo, «Carioca», Henrique e «Tomates».

**FORMAÇÃO PROFISSIONAL** — Andámos ocupados na nossa Tipografia com a preparação do programa e material didáctico para as aulas tecnológicas, com início no dia 4 de Outubro. Fui destacado — uma vez mais — para desenhar esquemas concretos, em folhas, para os quadros de papel, das aulas em cujas lições também participo como aluno.

A maior parte da malta da Tipografia anda com vontade de aprender a sua Arte. E quem dera todos com muita vontade, para se desenvolverem intelectualmente e profissionalmente.

Os monitores trabalham para que tudo decorra normalmente — como foi o ano passado.

**LAVOURA** — Aproxima-se a vindima. Um dos momentos mais agitados e mais interessantes da nossa vida. A malta das oficinas também costuma ajudar. Mas ainda não chegou a altura...

Sr. Padre Abraão já fez tribunais renhidos por causa dos meninos que foram às uvas antes do tempo. É que se uns começam já a comê-las, os outros ficam a olhar para as moscas. E há menos vinho... E as uvas são de todos — para todos!

A nossa horta tem dado vários produtos, em especial tomates com muita fartura. E pepinos, também, em quantidade razoável. Até dá gosto ver a malta satisfeita quando chega a salada à mesa; especialmente os mais pequenos. Até rapam a bacia da salada!

**FUTEBOL** — Têm vindo cá vários grupos defrontar os nossos ases, que, como sabem, dão que falar.

Nestes últimos meses (Setembro e Outubro) a nossa equipa saiu sempre vencedora; quer em casa, quer fora — apesar de desfalcada de alguns elementos: uns na tropa, etc. Mas cá nos vamos arranjando como podemos.

**REGRESSO DE TROPAS** — Acabaram de cumprir o serviço militar em África mais quatro dos nossos: Adão, Alberto, José Ferreira e Manuel Rosas. Estão bem, graças a Deus.

É sempre uma grande alegria quando regressam a nossa Casa — satisfeitos e bem dispostos.

**PEREGRINAÇÃO** — Como é costume, os nossos Rapazes que vão cumprir o serviço militar, antes de serem chamados ao activo, seguem, voluntariamente, em peregrinação a Fátima.



Primeira Comunhão de um grupo de Paço de Sousa, na Capela da nossa Casa de Azurara. Foi dia de Festa — para o corpo e para a alma!

Este ano foram ao Santuário da Virgem, a pé: o António Pinto (chefe maior), Manuel dos Santos, Franciscas, José Achan e Abel.

Alberto Rosado

## TOJAL

**PRAIA** — Findou a nossa estação balnear. É agradável ver os Rapazes alegres e bronzeados, com bom aspecto, a contarem as suas façanhas festivas com todos os pormenores. Durante estes tempos mais próximos o tema ainda será a praia.

Depois de um ano de trabalho e canseiras, soube muito bem a todos 15 dias de praia. Traz-se muitas saudades de S. Julião...

Falando de praia, não podemos deixar de dedicar uma palavrinha de agradecimento às Senhoras das praças do peixe e da fruta, que muito nos ajudaram, sempre que lá íamos, com a preciosa colaboração de uma peça de fruta aqui, outra ali; e o mesmo com o peixe. Vínhamos com os cestos cheios. Como de S. Julião à Ericeira são uns bons 5 kms. não esqueçamos, também, os amigos que nos davam boleia; e muitas vezes nos deixavam à porta de Casa, o que era muito bom, porque percorrer 10 kms., dia sim dia não, com os cestos, é bastante penoso.

A falta de água na nossa colónia balnear é o problema que mais nos aflige, na medida em que temos de descer todos os dias um monte que nos separa da fonte, para lavar a loiça e buscar água para fazer o comer, etc.. Como devem recordar-se abrimos um poço, há anos atrás, e, infelizmente, não deu resultado!

**OBRAS** — Os caboucos da casa para os Rapazes já foram cheios. Espera-se a oportunidade de dar continuação à obra. Agora, encontramos atarefados no seguimento das oficinas novas.

**FUTEBOL** — Depois de uma pausa sem jogos, encontramos em forma para dar início à nova temporada futebolística. Os nossos jovens leitores, que porventura pertençam a alguma equipa popular, estão já convidados a efectuar um encontro conosco — depois de prévio acordo.

Avisamos com antecedência que a nossa turma se encontra muito valorizada com a presença de mais um elemento — o Miro. Torno a lembrar que, este ano, não sofremos nenhuma derrota. Veremos o que será até ao resto do ano...

**SELOS** — Enviem-nos selos usados, se faz favor! Juntando-os pouco a pouco, dão uma ajudinha que é bem aproveitável.

**CAMPO** — Há muito tempo que comemos salada de tomate com pepino e sempre com fartura, graças a Deus. Temos, também, melancias, que os Rapazes podem dizer, sem receio, que não há melhores. Os feijoeiros desenvolvem-se perfeitamente. Enfim, julgo que, este ano, vamos ter boas culturas. Então de laranjas não se fala!

**CONJUNTO** — Estamos com falta de instrumentos musicais. Se alguém tem alguma coisa já arrumada nalgum canto não se esqueça de nós. Queremos tentar organizar um pequeno conjunto que penso vir a desenvolver-se rapidamente, pois temos cá uns grandes artistas!

**CONFERÊNCIA** — Os nossos vicentinos têm estado a maior parte do tempo sem se juntar para discutir os assuntos dos Pobres, que decerto já sentiram a falta. Esperamos ter forças suficientes para continuar este trabalho que já vem do nosso Pai Américo. Portanto direi: a nossa Con-

ferência continua e continuará — porque os Pobres precisam do nosso carinho.

Xavier

## MIRANDA DO CORVO

**RETIROS** — O novo Lar de Coimbra foi há um ano o lugar onde nós fizemos o nosso encontro com Cristo.

Este ano não podíamos deixar de nos reencontrar, visto o Retiro ser o alimento mais completo e duradouro para a alma de cada um. Todos nós precisamos de fazer Retiro. E a prova está que este ano não só os mais velhos tiveram o prazer de colher frutos dele, mas também a classe dos médios teve esse mesmo prazer.

O Lar este ano vai ter caras novas; aliás, como tem todos os anos; mas este ano em número mais elevado. Quem dera que fossem mais, pois era sinal que os nossos Rapazes compreendem melhor o futuro, que qualquer pessoa deve tirar um curso para ser alguém na vida.

Estamos no fim das férias e parecemos como sempre que elas nos fizeram bem; como têm por obrigação de fazer a toda a gente que tem a alegria de as disfrutar. Ora nós em férias não nos conhecemos, estamos equiparados a qualquer um dos nossos Rapazes; enfim, não fazemos mais que a nossa obrigação que é trabalhar. Pois não será este o nosso contributo para a Obra? Se bem que durante as aulas também estejamos na nossa obrigação, mas afastados da Casa Mãe, que é onde mais aprendemos a ser Gaiatos, porque mais junto dos nossos colegas que gostam sempre de nos ver e conosco conviver.

**AGRICULTURA** — Este ano, por cá, em relação à agricultura, estamos um bocadinho atrasados, na medida em que as batatas foram recolhidas totalmente mais tarde que o normal e o milho ainda está na terra. Também aquele dia mais desejado que é o da vindima, ainda não chegou! Mas já deve faltar pouco. Falo nestes três pontos, os três mais fortes dos nossos trabalhos agrícolas.

**UMA CASA NOVA** — Presentemente estamos a construir uma casa que será futuramente para os nossos mais pequeninos, que precisam bastante, pois eles não têm uma sala própria para recreio ou qualquer outra actividade, indispensáveis para que as crianças se sintam felizes. Esta casa está planeada para ter as condições suficientes.

Antes de terminar, espero que os nossos queridos leitores tivessem umas felizes e tranquilas férias, e iluminadas pela Graça do Senhor.

Casimiro

## CALVÁRIO

**MOMENTOS** — Bons e maus todos nós os temos. Mas quando estes servem para se meditar um pouco nas horas em que tudo convida...

O movimento nas ruas que circundam o Calvário era nulo. Nem por se tratar de dia de feira em Paredes. Dia de chuva miuda, alternada com bátegas e trovoadas. Nesses momentos fomos encontrar

um doente, que nos pareceu bastante concentrado, a olhar para um ponto fixo. Julgámos que estivesse a admirar a chuva ou os efeitos que produz na pujante verdura que se avista, da varanda ampla e arejada, dos pavilhões. Aproximámo-nos, sem ruído. E vimos que na realidade dava mostras de muito concentrado. Mirando-o bem, tinha os olhos um pouco mais brilhantes do que o habitual...

Sem lhe perguntar nada desabafa: — «Sabe?, estive a aproveitar bem estes momentos para fazer um exame de consciência... E a pedir a Deus que dê força àqueles que me fazem bem com tanta sinceridade! Não esquecendo outros que me fazem mal, muitas vezes sem saber...!»

Não nos atrevemos a dizer nada. Tememos não saborear aqueles momentos!

Tal como qualquer um de nós, este ser também teve maus momentos. E a doença faz-lhe lembrar, às vezes, a vida que levava... Mas eis que Deus é Misericordioso e concede-lhe, agora, frutuosa momentos cheios de Verdade!

Manuel Simões

## A Venda do Jornal no Porto

Meus queridos leitores. É a primeira vez que escrevo para o «Famoso». E vou falar da venda do nosso Jornal no Porto.

Somos perto de 20 vendedores, ocupados na sexta-feira, sábado e domingo. Passamos, em média, 4.400 jornais. Sem contar com as terras de fora...

As sextas-feiras temos «Timpanas» com 350 exemplares e «Meno» com 300. O «Timpanas» vai à Caixa de Previdência da Indústria Têxtil, na rua do Rosário e passa 80 jornais; depois, segue para a Tranquilidade, Companhia dos Telefones, Palácio da Justiça, Gás e Electricidade. O «Meno» vende na CUF, no banco Pinto de Magalhães e na Caixa de Previdência, na rua da Constituição. Os outros é nas ruas, nos eléctricos, nos cafés, às portas das igrejas em que não há sacristães que nos chateiam, etc.

A venda no Porto, de Julho a Setembro baixa sempre um pouco — porque muitos amigos estão em férias. É costume. Mas, agora, em Outubro, já subiu bastante, em número de jornais e em valor de acréscimos. É preciso ser cada vez maior o nosso esforço e honestidade. Nosso, de todos e cada um dos vendedores.

Realmente, no Porto vende-se bastante bem; e alguns senhores já perguntam se este ano há festa no Coliseu. São muitos a perguntar! Vamos ter festa, sim senhor. Estejam descansados e preparem-se para esgotar a lotação da sala, uma vez mais.

Sairam três vendedores: Rosas, «Campanera» e «Cereja». Por conta do Rosas foi o nosso amigo Arménio; do «Campanera», o Maurício; e do «Cereja», o «Faneca». Mas ainda entraram de novo mais dois: o «Rouxinol» e o «Grão de Bico».

Meus queridos amigos do Porto: muito obrigado pelo vosso carinho e amizade. Faz-nos bem sentirmo-nos tão acarinhados por todos vós.

«Eusébio»

Visado pela Comissão de Censura



Porque devemos assiduamente registrar — com discreção e sucintamente — a participação de muitos Amigos (tantos com uma perseverança heróica!) no pôr a mesa três vezes ao dia em nossas Comunidades, aí vai a **procição**. Engalanada de renúncias, amizade, carinho — e fraternidade.

Na vanguarda segue J. F. P., de Rio Tinto: «...Quem eu sou não importa. Pobre como vós, apenas pela primeira vez vos envio uma oferta insignificante (100\$00) para as vossas grandes necessidades. E sempre que possível vos lembrarei...». Mais um cheque de 1.000\$00 da Rua D. Estefânia — Lisboa. Do Porto, 1.750\$00 em sobrescrito entregue na Capela das Almas. Outra vez Lisboa com dois cheques de 200\$00 «pelo sufrágio de almas muito queridas». Mais um sufrágio «pela alma de meu saudoso Marido», de «Uma Filomena do Porto» — 100\$00. O dobro de Espinho, «para serem aplicados como quiserem, agradecendo mais dois «favores» do Senhor». Uma nota cristã! «Para os Pobres do Barredo», 100\$00. Quando é que os homens responsáveis se decidem a aproveitar tanta luz que Pai Américo acendeu — com letras de sangue — nas sagradas columnas do «Famoso», sobre a urbanização e o complexo social daquela zona que, ainda hoje, é um dos quadros mais negros da cidade?! Mais uma Bernardette com 150\$00 «como prova de agradecimento». E mais 100\$00, do Porto, em selos do correio. De novo Lisboa com 800\$00 «para as vossas (nossas) Casas de África». Aquele «nossas» revela como faz sua, também, a Obra da Rua. Quantos e quantos assim! Mais Coimbra, com um vale de 2.000\$00 por «uma intenção particular». Outra vez Rio Tinto, com 70\$00, «em virtude do mês anterior ter passado em branco». Ó delicadeza!

# Do que nós necessitamos

É uma **procição** muito numerosa! Agora, passa a habitual legenda «Obra de Deus para os Pobres» — duas vezes com 40\$00. E, da Praia de Mira, uma presença muito simpática de «A Malta de Portalegre»:

«Estamos a passar férias. Tomando como lema «o serviço dos outros» quisemos concretizá-lo mais objectivamente enviando estas revistas que certamente vos serão úteis... Desejamos que esta pequena e insignificante lembrança vos ajude a ser mais felizes».

Ó amizade! Mais 200\$00 do Porto «por alma de meus saudosos Pais». A filial ternura cristã é assim. E ainda do Porto mais 100\$00, de quem se apresenta «sempre com migalhas» que «também são pão — e o pão repartido é exemplo grato ao coração do Senhor». E um dever de Justiça Social para os detentores do capital... Mas quando é que os homens — sobretudo os mais responsáveis — se dão conta, praticamente, desta obrigação?

Da Feira, vale postal de 20\$00 «que se destina a pagar um pão diariamente para um Gaiato». Mas que bem! Lisboa com 600\$00, que «representam 50% do valor de um prémio recebido» e «os restantes 100\$00 são oferta espontânea de uma pessoa amiga». Mais 100\$00, de Gaia, «por uma graça recebida». E 1.037\$70, vestuário e muito ca-

rinho, do Pessoal da Fábrica de Malhas Marão — que nos visitou. E mais 300\$00 de Gaia — R. Soares dos Reis. E o mesmo de Leça do Balio. E 10.000\$00, de Lisboa, com esta legenda:

«Com muito amor pela Obra, eu e minha Mulher junto enviamos uma pequena achega. Que o Senhor nunca vos falte!»

Esta simpática presença é uma graça actual do Sacramento do Matrimónio. No meio de tantas facilidades, estes Casais são pedras que seguram o Mundo.

Gaia surge uma vez mais com 500\$00, da Rua Joaquim N. Almeida. Mais 50\$00 em selos, de algures — porque «me é mais fácil». E muito úteis para o nosso volumoso expediente. Mais 20\$00, por «uma graça concedida». Mais 50\$00, de algures, frisando que «é pouco, mas enviado com amor». Aqui está o valor! E mais 500\$00, oferta de um lisboeta — entregue à Emília, em nossa Casa de Azurara — correspondentes ao «abono dos meus filhos». Do Porto, 5.000\$00 da viúva de um nosso leitor. Mais uma bolada de 15.000\$00, em cheque, da R. dos Navegantes — Lisboa. Mais dois habituais: 20\$ da assinante 14305 e 100\$00 «para a Viúva da «Nota da Quinzena». Por graças recebidas: 50\$00 de Lisboa; e 200\$ de algures, frisando que «dou em acção de graças», pois «Pai Américo bem sabe a mi-

nhá intenção». Outro sufrágio, agora «por alma de Pedro» — 50\$00. E mais 100\$00, de anónimo. Idem, com meta-de. Mais 20\$00, também. E 1.000\$00 no Lar do Porto. E 50\$00 anónimos. E o dobro, idem.

Agora, é um mundo de sacos, caixas e caixotes de roupa, calçado, etc. — que muito jeito fazem aos nossos Rapazes e aos nossos Pobres. Anotámos remessas de Oliveira do Douro, Ponte da Barca, Macedo de Cavaleiros, Lisboa, Bragança, Gondomar, Queluz, Portalegre, Póvoa de Varzim; e uma série numerosa entregue no Espelho da Moda — o nosso depósito, no Porto. E ainda três presenças para a **campanha da colcha** — lançada pelo Manuel António: 50\$00 de Esperança, 20\$00 de Alcobaca, e 100\$00 do Porto. Ainda

mais 250\$00 da assinante 7133 «para serem aplicados em camisolas e calções para dois gaiatos de 6 e 7 anos, pois é essa a idade dos meus dois netinhos». Carinho d'Avó!

No Espelho da Moda a habitual torrente de donativos, actualizações de assinaturas do «Famoso», etc. etc. — entregues por numerosos Amigos — cuja descrição seria volumosa.

De Fall River (U. S. A.), 5 dólares. No Teatro Sá da Bandeira, 200\$00. Ainda do Porto 50\$00, da Trav. da Póvoa. Outra presença, habitual, de Santarém:

«Da nossa filha, para os vossos filhos, nossos irmãos, o abono de família dos meses de Maio e Junho (cremos... porque ao certo perdemos a conta; se não for, perdoem-nos)...»

Assina «Um casal muito amigo». Que reparte connosco da Amizade que sacramentalmente os une. Bendito seja Deus!

De algures «mais uma pequenina ajuda» de 100\$00. Rio Tinto outra vez com 50\$00. E, finalmente, 1.500\$00 de Gaia, assinalando o dia 25 de Agosto com «mais uma presença». E é tudo.

Júlio Mendes

# Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA página

alourados e boa capacidade intelectual. Eis o retrato de um que era nosso e a mãe veio buscar, alegando que lhe havia arranjado emprego! O que será amanhã do Valdemar? Ele, que vivia praticamente sem eira nem beira, sem horas para comer ou sem comer nas ditas, enquanto a mãe se comprazia por caminhos duvidosos! Voltará aos pequenos furtos dos tempos que precederam a sua vinda para cá. Perder-se-á? Uma série de perguntas nos invade e atormenta, sem encontrarmos respostas tranquilizantes. «Chorar os nossos pecados», como disse Pai Américo, eis o que nos resta.

x x x

Há anos que vimos lutando junto de quem de direito para dotar a Casa com apetrechos de educação física e, sobretudo, arranjarmos um professor de ginástica para os nossos Rapazes. Todos os esforços têm sido baldados, com grande pesar nosso, dada a importância que atribuímos aos exercícios físicos na formação do corpo e da personalidade dos jovens. Olhando à volta, porém, não enxergamos panorama mais animador num Concelho com mais de 180.000 habitantes e às portas de Lisboa. Devem contar-se pelos dedos duma mão os locais onde se pratique ginástica. Quando será

que os dinheiros do Totobola também farão incidir a sua influência sobre estas paragens? Vamos insistir. De esperanças ainda nos alimentamos, nem que sejam tornadas realidades para o ano 2.000!

x x x

As nossas obras continuam, embora lenta e penosamente. É assim a vida dos pobres. Aos calos nas mãos dos Rapazes deve juntar-se até o seu próprio sacrifício cruento. Há histórias que não se passam ao papel mas que bem o mereciam, por verdadeiras e bem expressivas. Lutando contra a passividade da maioria ou a indiferença e o esbanjamento de muitos, vamos erguendo instalações para os vindouros, já que os actuais Rapazes mais velhos pouco delas beneficiarão. A época que o calendário marca como estival tem sido sequinha de auxílios, valha-nos Deus! O dinheiro que acabamos de gastar em termas e cigarros que viciosamente consumimos pesam-nos no íntimo da alma. Ainda aqui, como acima, «chorar os nossos pecados», eis o que nos sobra.

Padre Luís



## A Família cresce

Uma feliz imagem do Casamento do nosso Manuel Capelo Milheiro (que preparou o seu futuro em Paço de Sousa), com a Justina. Residem em Braga.

Sãozinha, Toninho (e bonecas), do António Bernardo Frias — que se fez tipógrafo em Paço de Sousa e hoje trabalha no Lobito.



# MAIS UM RECADO AOS ASSINANTES DO «FAMOSO»

Estão a seguir postais-aviso para os estimados leitores-assinantes do «Famoso», cuja posição no ficheiro se encontra atrozada — ou atrozadíssima — por esquecimento; ou por causa da natural dispersão da vida dos nossos dias.

Estes postais são um trabalho de rotina. Sem a perfeição ou oportunidade da grande maioria dos periódicos. Tanto pela própria índole do nosso Jornal, como, acessoriamente, por impossibilidade dos nossos quadros permanentes, só nos podemos virar à obra quando apanhamos estudantes em férias. Aqui está.

O pequenino rectângulo de cartolina desperta muita gente! Temos quem se dirija, pelo correio — com vales, cheques e a necessária carta ou postal esclarecendo a remessa. Outros, mais escrupulosos, aproveitam, inclusivé, a facilidade das redes telefónicas automáticas e perguntam de suas

casas — «desde quando estou em falta?». Temos os que se desobrigam no Montepio Geral, em Lisboa, e Espelho da Moda, no Porto — os nossos depósitos nas duas grandes urbes. Temos, ainda, os que vêm por aí fora em passeio — a nossa Casa, a nossas Casas — gozando o sol preguiçoso deste verão que finda, e arrumam contas com sorrisos nos lábios e delicados e deliciosos pedidos de desculpa! Impera nos arralais dos nossos leitores uma Delicadeza tão espiritual — que nos esmaga. Não merecemos tanto!

Mas, uma vez por outra, surgem objecções. E catanadas. Umas justas — por inevitáveis deficiências, atendendo à complexidade e expansão da nossa Obra. Outras, menos razoáveis — por várias omissões: valores despachados anónimamente, inexpressivos quanto ao seu objectivo específico, tantas vezes a própria assinatura do Jornal! Mais; a esposa que esquece de indicar o nome do marido — o inscrito. E, da mesma forma, o filho o do pai, o tio o do sobrinho, etc. Quando tudo seria fácil — como reza o postal — se todos lessem, atentamente, de fio a pavio, a sua linguagem chãozinha. Haveria maior eficácia até nos trabalhos de ficheiro.

Verdade seja, porém, que as catanadas — justas e injustas — vão diminuindo, cada vez mais. Apesar de nunca conseguirmos o óptimo — inimigo do bom — que também não está isento de problemas...

Temos fé na receptividade dos nossos Amigos. Sobretudo dos que, por officio, bem sabem do inconveniente da falta de dados — numa época em que os empresários da nossa terra até já começam a interessar-se vivamente por bancos de dados...!

Júlio Mendes

# Lar Operário em Lamego

Há muito que nada dizemos do nosso Lar. As preocupações têm sido ultimamente para casos que nos parecem mais urgentes. Temos, como normal a vida do Lar, apesar das constantes dificuldades. Cada Rapaz tem a sua maneira própria de ser e traz consigo um problema a resolver. A maior angústia é quando não conseguimos dar-lhe bom andamento. Com tudo isto e com as dificuldades sucessivas da manutenção duma Casa como esta, achamos normal o nosso viver. Seria loucura querermos que as coisas se processassem como artigos em balança de ourives. Quem um dia se meteu pelos caminhos de pensar nos outros e de lidar com Rapazes deste género, tem forçosamente de contar com o pior. É excepção, já não digo o dia, mas o momento em que aparecem lampejos de boa compreensão e de interesse de aproveitamento da parte deles. Faz lembrar nesgas de sol em dias de rigoroso inverno. Querem mesa posta e roupa pronta a vestir, mas negam-se a prestar pequenos contributos. Este recusa-se a vender o jornal; aquele a ir à padaria; outros não querem vender postais ilustrados que nos ofereceram. Todos têm uma palavra de censura para a comida que vem quente, ou fria de mais, ou que está salgada ou mal cozida. Nada se tolera e tudo se exige. Isto para não referir pontos mais escuros, porque não fica bem aos pais falar em desabono dos filhos. O que se disse acima foi

sómente para explicar como se deve entender a vida normal destas Casas.

Começámos por receber Rapazes sem possibilidades de na própria terra aprenderem uma arte. Confesso que inicialmente pesou mais no meu espírito o bem da colectividade, pois existem povoações onde há um simples barbeiro, um sapateiro, etc. Foi exactamente esta lacuna que motivou o Lar de S. Domingos, e daí lhe ficou o nome de Lar Operário. Hoje, porém, quase cinquenta por cento deseja antes estudar. O que encarece os estudos, é a pensão. Como esta é oferecida pelo Lar, alguns pedem para estudar. Ficamos embaraçados, porque se dum lado não queremos alterar a finalidade da Obra, por outro, parece louvável o desejo de se entregarem ao estudo. Neste ano lectivo, os que vierem pela primeira vez têm de aprender um officio e nos estudos só ficam os que já frequentaram o último ano. As duas modalidades dentro da mesma Casa dizem eles que é inconveniente. É fácil descobrir a razão de afirmarem que, ou estudantes, ou operários, são as obrigações de limpeza e outras... os estudantes são dispensados... Por isso, quem vier agora tem de escolher um officio.

Há muito que pensamos numa casa para receber estudantes com poucos recursos. O tempo vai passando e não chega para tudo e o projecto fica por realizar.

Presentemente estão ocupa-

dos os lugares do Lar de S. Domingos e há pedidos a marcar vez. Para ajudar às despesas temos recebido cooperação da família Silva; de Castelo Branco; da Figueira da Foz; de Viana do Castelo; do Porto e de Lisboa. A Mãe Matilde aparece muitas vezes. Vieram camisas talhadas para os Rapazes e linhas e botões e dinheiro para as concluir. É grande a ajuda da rua das Amoreiras. No snr. Luís Feijoeiro apareceram 500\$00 para diminuir o nosso débito. Esta oferta é de Lamego. A senhora de Montes dos Burgos, não se esqueça, nem o senhor de Barrô deixa de marcar presença. A Rua Capelo, Mogofores, Av. Marquês de Tomar, Aguada de Cima e de Baixo, Sendim e de tantas outras localidades têm sabido que o Lar de S. Domingos, fica na Rua do Teatro, 16. Temos procurado acusar a recepção.

E por fim digo que chegou a máquina de costura para a Rapariga doente dos pés. Com a mesma finalidade vieram mais donativos que agora serão aplicados no alívio de outras dores. Agradeço ainda os selos usados que nos vão mandando. São valores pequenos que se aproveitam e transformam em pão. A quermesse das Festas de Nossa Senhora dos Remédios está quase a fechar e vamos já preparar as prendas para a que há-de funcionar na quadra do Natal.

Padre Duarte

# LOURENÇO MARQUES

É uma arte o gesto de dar. Uma arte divina. Só Deus, Supremo Bem, sabe derramar-se em favor das Suas criaturas, sem macular a dignidade própria de cada uma delas. E tão perfeitamente o faz que dá azo às criaturas de julgarem ser por-si, próprio de-si, o bem que possuem — e assim ignoram, ou mesmo se revoltam contra o Supremo Bem de que é um reflexo todo o dom que as orna.

Para os homens sempre será um gesto difícil, de uma delicadeza muito subtil, a que nem todos chegam. Mas alguns aproximam-se... Há dias, ainda, o

experimental, quando uma visitante, com o resto do seu óbulo que se escondeu para dar, me entregou um bolo feito por sua mão, «para os seus meninos», com a ternura de quem agradece um bem que lhe permittem. Ó beleza!

Outros surgem com um ar benemerente, protector; expõem muito o que dão; entregam-no com solenidade; e alguns até o legendam com a ladainha das suas benfeitorias passadas e presentes. Que feio! Que pena, perder um homem a retribuição de Deus com o retribuir-se a si próprio!

A verdade é que tenho andado metido em negócios de ferro-velho! É verdade acontecer nas grandes metrópoles: como há déficit de lixeiras, surge a oportunidade de uma Casa como a nossa e com o alibi de benemerência. Resultado: montes de coisas inválidas, que já nem há espaço para arrumar! E nós, Casa do lixo humano que a sociedade faz, quase con-

vertidos em armazém de lixo propriamente dito. Por isso também eu me converti em negociante de ferro-velho, na esperança de poder fazer uma boa partida ao Pe. Zé Maria quando do seu regresso: ter-lhe dinheiro (ou quase) para uma carrinha nova, «diesel» — que nós, justamente porque pobres, precisamos de instrumentos de trabalho válidos, económicos, rentáveis e não podemos prender-nos a aproveitamentos dispendiosos, que nos vão consumindo, dia-a-dia, em consertos intermináveis e nos deixam desprevenidos na hora em que precisávamos deles.

Se me dão licença uma anedota autêntica acontecida com o último carro que nos deram. Veio pelo seu pé e pela mão do simpático doador. Experimentámo-lo dentro da machamba para nos inteirarmos do seu funcionamento.

— Óptimo, como vê!  
— Sim senhor, óptimo! — respondi.

Era a tarde de uma 2.ª feira. Vinte e quatro horas depois, Quim e eu tínhamos entrevista no estúdio do Arquitecto.

— Em que vamos? — diz o Quim.

— Olha, vamos experimentar o «espada» novo!

Pois antes que entrássemos na cidade, o carro fumegava por todos os lados — e a viagem terminou penosamente, não no estúdio do Arquitecto, mas na oficina.

Foi para mim uma lição, a derradeira lição que me decidiu a montar negócio de ferro-velho.

Mas é tão difícil negociar (e esta matéria!) para quem tem vocação a-comercial (senão mesmo anti-comercial...), que eu peço aos senhores se não escandalizem se alguma vez houver razão para recusar uma oferta. E mais lhes peço a colaboração, completa, inteligente: se nos quiserem dar um valor que para vós já não conta, pois entregai-o a um especialista do assunto e mandai o produto da venda.

Ainda que na nossa mão o negócio pudesse render mais, a libertação desse cuidado compensa amplamente a diferença material.

Valeu?!

# Cantinho dos Rapazes

Cont. da PRIMEIRA página

Um HOMEM é um ser feito de contradições, realizado na harmonização dos opostos: «Não sou medroso — mas temo...»; estremece, — mas dá o flanco; distingue a reacção imediata ou a longo prazo — e não perde a consciência da validade da acção; confia em si o preciso, — mas confia tudo do Pai, a Quem se entrega; teme o seu orgulho — e implora a humildade; proclama o não-direito do erro, mas admite atenuantes aos que erram; repugna a asneira, até por estética — e acautela-se de ser contaminado; ambiciona ser HOMEM, consciente do preço que custará sê-lo, dos riscos de uma existência.

É fascinante ser HOMEM! Já o é quem nutre tão essencial desejo!



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE